

APRESENTAÇÃO

Como tem ocorrido nas últimas edições da nossa revista, a RL 60.1 conta com muitas colaborações internacionais. Temos chamado a atenção dos nossos leitores para a crescente internacionalização do nosso periódico, mas isto não significa absolutamente que não estamos abertos também a trabalhos e autores brasileiros, mesmo quando se refram a temas e literaturas internacionais, clássicas ou não. De fato, o primeiro artigo, de Alfredo Cordiviola, da Universidade Federal de Pernambuco, se refere às observações feitas pelo italiano Lorenzo Boturini, no século XVIII, a respeito de documentos pré-hispânicos e coloniais. Como os nossos leitores logo poderão perceber, trata-se de um trabalho de fôlego sobre esse escritor italiano que, inspirado pela Virgem de Guadalupe, pretendia escrever uma nova história do México, com outra perspectiva que destacasse a cultura indígena. Como o próprio autor ressalta, porém, Boturini foi preso e não chegou a concluir o trabalho, mas deixou cartas em latim endereçadas ao rei Felipe V que constituem a base do interessantíssimo artigo de Cordiviola.

No segundo artigo, Álvaro Cardoso Gomes, Alzira Lobo de Arruda Campos e Eliane de Alcântara Teixeira analisam as diferenças entre as concepções do amor nas cantigas de amor e de amigo, ressaltando a hierarquização presente nas primeiras cantigas, fruto da influência do feudalismo e do cristianismo, e a valorização do amor físico e a exaltação do natural nestas últimas. O terceiro trabalho, de Edinael Sanches Rocha, submete certos aspectos do conto “Buriti”, de Guimarães Rosa, a uma análise comparativa com um mito da tradição Xerente recolhido pelo etnólogo alemão Curt Nimuendaju.

O artigo de Fabrizio Rusconi repropõe de maneira original uma questão já amplamente debatida, desde os tempos de Dante, sobre a escolha de uma língua literária “digna da grande poesia”, para utilizarmos as palavras do “sommo poeta”, 700 anos depois da sua morte, merecidamente comemorada neste ano de pandemia e desolação. Resumidamente, trata-se da questão dos dialetos e do caráter eminentemente literário da língua italiana.

Citando personagens históricas ligadas ao tema como Pietro Bembo e outros mais recentes como Pasolini, Rusconi mostra como certas diretrizes traçadas no passado ainda hoje têm grande influência sobre a contínua discussão a respeito da distância entre o italiano literário e o italiano falado que insiste em permanecer, mesmo no contexto hodierno.

O trabalho de João Queiroz, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e de Pedro Atá, da IMS - Linnaeus University. Centre for Intermedial and Multimodal Studies. Vaxjo – Sweden, Suécia, refere-se à teoria sobre a tradução específica de poemas, utilizando como exemplo a tradução dos versos de “The Expiration”, de John Donne. No sexto artigo, de Lilian Salinas Herrera e Daiana Nascimento dos Santos, ambas da Universidade de Playa Ancha, de Viña del Mar, Chile, encontramos a análise de dois romances: o primeiro, escrito pela colombiana Adelaida Fernández Ochoa, em 2017, com o título de *Afuera Crece un Mundo*, e finalmente *El Barco de Ébano*, do chileno Ricardo Gattini, em 2008.

No sétimo artigo, Luiz Sá analisa a temática da lista no romance de Jane Austen. Para o autor, a lista pode ser associada, por exemplo, a uma técnica de composição ou a uma figura integrada ao texto. Sendo assim, ele se refere, por exemplo, à lista de livros em algumas páginas de *Emma*, um dos principais romances da escritora inglesa.

Em seguida, Marcelo Urralburu, da Universidade de Murcia, Espanha, analisa o romance histórico *Zama*, do escritor argentino Antonio di Benedetto, ressaltando, por exemplo, a abordagem da época colonial presente no livro e os significados alegóricos do Rio de La Plata. O penúltimo trabalho, de Pedro Henrique Alves de Medeiros e Edgar César Nolasco, ambos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pretende analisar comparativamente a canção *Exagerado*, composta por Ezequiel Neves e Leoni e interpretada pelo cantor Cazuza, e o romance *Mil rosas roubadas*, do escritor e ensaísta Silvano Santiago (2014). Segundo os autores, entre as duas obras há em comum a representação de um amor homossexual não correspondido e frustrado.

No último artigo, Sara Milena Rojas Gonzalez, da Universidade Símon Bolívar, de Caracas, Venezuela, analisa as relações entre a classe alta de Bogotá e a literatura, destacando os elementos constitutivos dessa sociedade no início do século XX, tais como, por exemplo, a figura do poeta, a ideologia e a família.

Gostaríamos, enfim, de registrar tristemente o falecimento de Alfredo Bosi, um dos maiores intelectuais brasileiros, ocorrido há pouco tempo. Bosi fazia parte da Comissão Editorial da nossa revista e colaborou conosco várias vezes. Grande conhecedor das literaturas italiana e brasileira, ele deixará para o Brasil e, particularmente, para a nossa revista, uma lacuna que dificilmente preencheremos.

Difícil seria homenageá-lo sem citar as suas obras que aportaram uma notável contribuição tanto para a crítica literária italiana como para a brasileira, à medida que mesmo em livros fundamentais para o estudo da literatura brasileira e da teoria literária como *História Concisa da Literatura Brasileira* ou *O ser e o tempo da poesia*, são constantes e preciosas as referências a autores italianos clássicos como Dante, Leopardi e Manzoni, ou a pensadores como Vico, Croce e Gramsci, sem contar os grandes escritores do século XX italiano como Montale, Pirandello e Gadda.

Tão elegante e humilde nos diálogos com as pessoas em geral e especialmente com os colegas de academia, quanto no estilo adotado para os seus aprofundados estudos, Bosi percorreu um itinerário como homem e como acadêmico invejável: unia grande fôlego nas análises a um cuidado e um esmero nas observações sobre escritores e aspectos culturais.

A simples leitura de *O ser e o tempo da poesia* permite ao leitor um passeio pela literatura universal, destacando-se obviamente as literaturas brasileira e italiana. O nosso autor conseguiu neste belo volume a proeza de falar de poesia sendo, ao mesmo tempo, “poético”. Desse modo, algumas páginas interrompem a sequência dos capítulos e preferem discorrer, poeticamente, sobre o papel das mãos. Aqui o leitor se depara com o melhor dos estudos de Bosi: preocupação social e rigor acadêmico, lirismo ao falar da lírica, sensibilidade ao tratar de temas sensíveis. De fato, em o “Trabalho das mãos”, dedicado a Eclea Bosi, consegue elencar o papel histórico que o uso das mãos teve ao longo da história da humanidade. Para finalizar esta pausa lírica em meio ao rigor crítico, nas últimas linhas adverte-se o leitor para o absurdo número de acidentes do trabalho no

Brasil, quebrando bruscamente o tom lírico e saltando para o “cumprimento do dever” de todo intelectual realmente em sintonia com o seu momento histórico.

Ainda em *O ser e o tempo da poesia* se destaca certamente o capítulo intitulado “Poesia e resistência”, no qual se demonstra a preocupação em resistir à opressão política, resistindo ao mesmo tempo à “violência” da natureza. Para tanto, o autor não hesita em citar tanto canções populares italianas, como a famosíssima e universal “Bella ciao”, na versão original das camponesas dos arrozais do Norte da Itália, como também Leopardi, Montale e Pablo Neruda.

Por falar em Leopardi, neste mesmo capítulo lembramos ainda a belíssima análise de “La Ginestra”, do volume *Canti (Cantos)*, provavelmente a primeira análise detalhada, feita por um crítico do Brasil, sobre esse poema universal do maior poeta italiano do século XIX. Traduzindo e comentando os geniais versos do bardo de Recanati, demonstra claramente como Leopardi estava muito à frente do seu tempo, concebendo uma resistência ideal e, sobretudo, uma solidariedade inédita entre os seres humanos, vítimas da indiferença cruel da natureza criadora.

De sua tese de Livre-Docência, “Mito e poesia em Leopardi”, apresentada à FFLCH-USP em 1970, publicamos o primeiro capítulo na revista “La Ricerca”, em junho de 1995. Nele, o ilustre professor e já consagrado crítico examina o processo de formação da genialidade de Leopardi, destacando as obras juvenis, como, por exemplo, o pouco conhecido ensaio intitulado “Saggio sopra gli errori popolari degli antichi”, de 1815, no qual o jovem erudito, poeta debutante da pequenina Recanati, explicita o fascínio pelos elementos da astrologia e da mitologia popular, pelos deuses e pelos heróis, e também pelo mundo mágico dos oráculos e das fábulas.

Ainda no mesmo capítulo da tese de Livre-Docência, ele compara as traduções que o jovem Leopardi fazia da *Eneida*, de Virgílio, com a versão clássica de Annibal Caro, de 1566, fazendo-nos perceber como o talento criativo leopardiano cosnuegiu superar os impasses da versão clássica, transmitindo a completude da palavra clássica, fruto de sua concepção de uma idade do ouro, em que a poesia espelhava inteiramente a Natureza.

Outro belíssimo capítulo, de *O ser e o tempo da poesia*, “O encontro dos tempos”, analisa brilhantemente, entre outros escritores e temas, a estrutura do *Inferno*, de Dante Alighieri, e em particular o canto V, famoso pelo encontro entre o personagem-viajante e as almas de Paolo e Francesca, amantes infelizes, condenados pela luxúria e brutalmente assassinados, contando apenas com a compreensão do personagem-poeta que lhes dá voz. Tudo já foi dito sobre o divino poeta, mas em seu estilo inconfundível Bosi consegue destacar detalhes que a crítica tradicional praticamente ignorou ou para os quais não atentou. Vale lembrar também o último capítulo em que se faz uma atenta leitura da *Scienza Nuova*, de Giambattista Vico, obra importante que concebe uma nova e original visão da história, influenciando bastante pensadores posteriores como Hegel e Marx.

Em “Céu, Inferno” – ensaios de crítica literária e ideológica-, encontramos artigos publicados em jornais importantes sobre muitos escritores brasileiros, como Drummond e Guimarães Rosa, e italianos, destacando-se Dante, Verga, Pirandello, Montale e Gadda, mas também pensadores como Antonio Gramsci. Neste volume, o ainda muito jovem Bosi já demonstrava enorme talento e grande elegância no estilo. Bastaria citar, a título

de exemplo, o artigo sobre a última fase da narrativa e do teatro de Pirandello, no qual se analisam os aspectos que levaram parte da crítica italiana a utilizar o termo “surreal” ou “fantástico” para a avaliação dos últimos contos e peças teatrais do grande autor siciliano.

Há poucos anos, tivemos o prazer de publicar uma arguição de Dissertação de Mestrado em que o nosso autor analisava aspectos da poesia de Pirandello, destacando os temas constantes na produção literária do autor siciliano. A partir das observações feitas na Dissertação, inicia-se um aprofundado estudo que destaca a impossibilidade de reduzir Pirandello a uma única corrente crítica e conceitual. Bosi lembrava a dificuldade inicial da crítica, sobretudo a de Croce e Gramsci, em compreender a novidade representada por obras clássicas do “Novecento” italiano como *Il fu Mattia Pascal* ou até mesmo *Sei personaggi in cerca d'autore*. Croce, por exemplo, de formação hegeliana, não poderia mesmo alcançar a profundidade da representação da multiplicidade das consciências dos personagens pirandellianos e Bosi, com grande perspicácia, apontava a visão moderníssima, quase “pós-moderna”, para utilizar as suas palavras, dessa visão do autor siciliano.

Não poderíamos deixar de lembrar outros grandes livros de Bosi como *Dialética da colonização* e *Machado de Assis: o enigma do olhar*, nos quais ele demonstra sua enorme preocupação em caracterizar a cultura e a história brasileiras, seja analisando a poesia de José de Anchieta, seja esmiuçando a narrativa do nosso maior escritor.

Nos últimos anos da sua brilhante carreira, de crítico literário, pensador, exímio professor e grande ensaísta, Bosi voltou-se novamente para a cultura italiana, sempre presente em seus escritos, e decidiu enfrentar a arte e a genialidade de Leonardo da Vinci no volume *Arte e conhecimento em Leonardo da Vinci*. Como já havia feito com Dante, Vico e Pirandello, entre outros grandes italianos, ele acompanhou detalhadamente o processo criativo do gênio florentino, abordando tanto detalhes técnicos de seus quadros e esculturas como a visão de mundo do Renascimento.

Enfim, estas poucas linhas tencionaram apenas dar uma pálida ideia da importância de Alfredo Bosi e da significativa perda que o seu desaparecimento significa para a cultura brasileira, particularmente em um momento tão crítico para o nosso país. Dele precisamos lembrar ainda a humildade, a disposição em ajudar os colegas acadêmicos com preciosos conselhos e orientações, a defesa de valores éticos e a resistência aos que, na crítica literária e nos cursos universitários, pretendiam (e ainda pretendem) cancelar o estudo dos clássicos, cada vez mais necessários para a compreensão da atual conjuntura.

Concluindo, neste número prosseguimos no esforço em dar espaço para ensaios de pesquisadores e professores de muitas universidades e de muitos países, destacando tanto temas ligados à literatura clássica como à contemporânea. Além da literatura luso-brasileira, sempre presente em nossa revista, não esqueçamos a literatura hispano-americana e os estudos sobre poesia e sobre as dificuldades e os desafios para a tradução de poemas.

Desejando que o presente número alcance muitos leitores, especialistas ou não, acadêmicos ou não, uma vez que os grandes temas da literatura deveriam sempre chegar a um público bastante vasto, estamos certos de que ajudamos novamente a divulgar obras e autores, consagrados ou não, do interesse de todos que apreciam a boa literatura.

Nosso agradecimento ainda a Ana Cristina Jorge, responsável pela normalização da revista, e aos funcionários do Laboratório Editorial da FCL da UNESP de Araraquara, sem os quais não teria sido possível elaborar o presente volume. Em tempos difíceis de pandemia, não podemos deixar de ressaltar também a preciosa colaboração dos pareceristas que, com conselhos e avaliações, tornaram mais fácil a complexa tarefa de selecionar criteriosamente os trabalhos submetidos à nossa apreciação.

Araraquara, maio de 2021.

Os editores